

■ De cada cinco homens que chegam às cadeias paulistas, um está contaminado pela Aids. Entre três prisioneiras, uma é portadora do HIV

■ Até 1985, a violência era a causa de 80% das mortes nos presídios. Hoje é a Aids que responde por esse mesmo índice de óbitos

■ O sistema penitenciário de São Paulo registra por dia uma morte provocada pela Aids e o aparecimento de dois novos casos da doença

■ 17,3% dos 48 mil detentos de São Paulo estão infectados pela Aids. Entre os presos travestis, a contaminação é da ordem de 80%



O doente terminal Campos: agonia no hospital penitenciário

SAÚDE

Câmara do vírus

Uma pesquisa revela que a Aids se propaga nos presídios de São Paulo e mata um detento por dia

LINA DE ALBUQUERQUE

Todos os dias um presidiário morre de Aids no Estado de São Paulo. Esse fato alarmante relacionado a uma doença que já atinge cerca de um milhão de brasileiros acaba de ser revelado através de uma pesquisa desenvolvida na Coordenadoria dos Estabelecimentos Penitenciários do Estado de São Paulo (Coesp) e coordenada pelo seu diretor médico, o oncologista paulista Manoel Schechtmann. De acordo com o levantamento, 17,3% dos 48 mil detentos de São Paulo, que correspondem a 47% dos presidiários do Brasil, estão condenados pela Aids. O retrato falado do mal torna-se mais estarrecedor quando são levadas em conta as seguintes projeções: de cada cinco homens que chegam às cadeias, um é portador do vírus HIV. Entre as mulheres, essa proporção chega a ser da ordem de uma contaminada entre três presas. Ainda pelos dados

do Coesp, o sistema penitenciário de São Paulo registra, diariamente, o aparecimento de dois novos casos da doença, hoje responsável por 80% dos óbitos dentro dos presídios. Até 1985, esse mesmo percentual de mortes era causado pela violência entre os próprios presos.

Essa dramática radiografia foi traçada a partir da amostragem de sangue de um pequeno grupo de detentos. Se fosse projetada para outros Estados, nos quais a notificação da doença é praticamente inexistente, o diagnóstico poderia ser o seguinte: a cada dia, surgiriam nos presídios quatro novos casos de Aids e duas mortes causadas pela doença. O sistema carcerário brasileiro, segundo essa estimativa, abrigaria hoje 19 mil contaminados. Obedecida uma hipótese mais otimista, a de que o índice de contaminação nas pri-

sões de todo o País seja o mesmo que o levantado em 1989 entre os presos do Rio de Janeiro, em torno de 10%, em cinco anos o vírus estaria instalado em 70 mil detentos. "Não estamos sendo incendiários", afirma Schechtmann. "Mas, caso os presídios e a sociedade como um todo não adotem programas preventivos sistemáticos, o quadro poderá ser até pior", prevê ele.

O médico Eduardo Cortes, diretor da Coordenação de Doenças Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde, não concorda com a hipótese de que os dados de São Paulo possam refletir a situação do País. Na sua opinião, a não-obrigatoriedade de notificação da doença entre os detentos — um procedimento ético recomendado pela Organização Mundial de Saúde — impede a realização de uma estatística mais completa. "Trata-se de uma postura discutível", critica a assistente social carioca Tânia Pereira, que coordena um grupo de apoio ao tratamento da Aids no Departamento Estadual do Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro (Desipe). "É o mesmo que fingir que não está havendo o crescimento da doença", diz.

A seção de documentação do Ministério da Saúde não possui material e estudos específicos direcionados aos presídios — e apenas 2 dos 159 vídeos sobre o assunto apresentam depoimentos de presidiários. Uma das poucas